

O banco e o crédito da calamidade

*Francisco Rafael José Raposo**

É Licenciado em Análises Clínicas e Laboratoriais pela Universidade Católica de Moçambique. Muito cedo quis fazer parte do grupo cultural da escola primária, como não sabia cantar e nem dançar, buscou refúgio na poesia e no conto donde não conseguiu voltar até hoje. Marcou presença na 3ª Mostra Nacional de Jovens Criadores (2013). Participou nas antologias “Poemas e Cartas Ridículas de Amor” (2019), “Construtores de palavras” (2020), vencedor do concurso literário de crónicas “Memórias do IDAI” (2020), tem publicações em diversos Blogs, jornais e revistas. Faz parte da Associação Literária Kulemba e Clube do Livro da Beira.

Recebido em: 12 abr. 2021. **Aprovado em:** 13 mai. 2021.

Como citar esta produção artística:

RAPOSO, Francisco Rafael José. ‘O banco e o crédito da calamidade’ e ‘A vítima’. *Revista Letras Raras*, p. 359-368, v. 10, n. 3, set. 2021. DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.10062586>

Mandiega estava sentado em sua residência, quando o secretário passou por todas as artérias do bairro da Malata a convocar de forma ligeiramente obrigatória a presença de todos para a cerimónia de inauguração do primeiro e novo banco de dinheiro do distrito. –*O senhor camarada, representante governamental do senhor camarada presidente da república, mas ao nível do distrito, que é o senhor administrador, está a convocar a todos deste bairro e de outros também para, amanhã, testemunhar a inauguração do primeiro banco de dinheiro aqui na vila, pelas sete horas e seu ponto. Na praça dos heróis, para marchar até ao banco.*

O homem que convocava, gostava de ver o povo a testemunhar os seus bem-feitos, numa altura em que a luta pela riqueza absoluta crescia.

A informação sobre o banco de dinheiro não chegou bem aos ouvidos das pessoas, principalmente aos do senhor Mandiega. Ele não conseguia imaginar um banco de dinheiro como seria. Seria de madeira? Teria as quatro patas? Será que se a esposa levasse para o rio lavar, o

*

 favoritocp@gmail.com

dinheiro-banco não ia se dissolver? Então sugou um pouco mais do seu cérebro invocando imaginação. Chegou à conclusão de que o banco seria sim de dinheiro. Metálico para acrescentar. Seria brilhante na cara e na coroa. Que podia molhar e sustentar o peso de pessoas sentadas. Sentiu-se feliz por dentro, só de imaginar que o banco seria uma estrutura muito pesada, então os gatunos não lhe surripiariam de qualquer maneira. Foi transmitindo a sua ideia de banco aos vizinhos, fazendo-lhe sentir inteligente. Pessoa importante. O que sabe das coisas. Atualizado.

Muito cedo, antes das sete horas, já estava bem vestido de balalaica castanha monocromática. Banhou-se novamente de uma espessa camada de ácidos gordos e se tornou brilhante como metais quando repelem a luz do sol. Já não se conseguia olhar de perto, mas via-se melhor de longe afinando a visão para acudir a intensidade luminosa.

Se sentia em muitos quilômetros o cheiro de gordura. Penteou somente as partes laterais da cabeça, porque no centro já não tinha cabelo nenhum. Saiu sem sequer despedir-se de ninguém de casa. E foi com o intuito de ser o primeiro a chegar à praça. Ficou de conversa afiada com os outros recém-chegados em volta do assunto. E ele arrogante, foi disseminando a sua ideia sobre o banco, sua estrutura, até sua forma possivelmente retangular. Próximo do início da marcha já havia se levantado uma grande discussão. Alguém dizia-se saber melhor sobre a bancarisação, desafiando os conhecimentos imaginários do senhor Mandiega.

Em plena marcha, as canções de combate da luta de libertação nacional abriam as almas, descarregando os fardos para as memórias refrescarem de todas as lutas. Pela vida, pela riqueza, contra a fome, contra doenças e o contra feitiço. As memórias acrescentam um pouco mais de vitória à história, um pouco mais de tempero para embriagar a vida. Chegado ao banco, os discursos tiveram que demorar. Tudo por conta da poeira das danças tradicionais e outras expressões culturais de festas. Perpetradas por pessoas que nem sequer sabiam de banco. O discurso do camarada senhor representante governamental do camarada presidente da república, mas ao nível do distrito, que é o senhor administrador, foi lindo, triunfalista e progressor.

O gerente do novo primeiro banco de dinheiro do distrito foi explicando os diversos produtos e serviços do banco. Para surpresa de todos, era tudo diferente do imaginário do senhor Mandiega.

Ele meio envergonhou-se com medo de zombarias, mas não se deixou levar, queria ainda manter a postura. Começou a fazer questões ligeiras, apalpando as coisas sobre o banco. E enfim,

foi esclarecido de forma certa, certa. E acabou realmente sabendo um pouco mais do tema em detrimento da população presente.

O que mais chamou a atenção do Mandiega durante a palestra sobre o banco foi o crédito. Explicaram-lhe, explicaram de forma convincente que o convenceram da sua importância para o desenvolvimento do distrito. Disseram-lhe, - *O crédito somente é concedido às pessoas visionárias e com um plano de progresso*. Expressões como essas suscitaram a exaltação da sua postura de importante e foi para casa pensando no que fora dito. Para ter crédito era preciso ter um plano de progresso, um projeto, uma ideia inovadora, nova.

Nos dias subsequentes ele foi criando e recriando as ideias, novas e renovadas, algo grande como seu corpo e que desse jus a carta de pedido. O que lhe deixava tão apreensivo era que, não queria perder de ninguém. Mesmo competindo sozinho, vinha-lhe sempre o medo de perder em segundo lugar. Obrigava-se a ser o primeiro a beneficiar do crédito do banco que não se senta e nem se leva ao rio para lavar. A ideia de ultrapassar os vizinhos que só tinham conhecimento do crédito nos telemóveis lhe deixava fantástico, fantasiador das próprias fantasias.

Mandiega passou dias e noites dando voltas no seu quintal vedado por flores. Esta vedação era-lhe um escudo contra a curiosidade alheia. Contra inimizades. Contra a inveja que surgiria. Contra a feitiçarias. Barreira contra um mundo cada dia mais caótico e infeliz. É por isso que sempre que a esposa fritava no óleo vegetal quente era obrigada a fazer dois lumes, um de carvão com o óleo que ficava dentro da palhota e outro de lenha pouco flamejante, com peixe seco que ficava ao relento, no quintal, para enganar as fossas nasais dos vizinhos com a fumaça.

Ele, antigo soldado revolucionário não podia viver assim, envoltado de pessoas que nem sequer conheceram a caneta para poder partir. Nem sequer ficaram perfiladas em fileiras içando a bandeira e entoando o hino nacional. Pessoas que só tinham o conhecimento do ciclo da chuva, tempo de plantar, de colher e de insultar os gafanhotos com a nudez das mulheres em tempos de pragas.

Ao reparar em todos os cantos. Pouca coisa vinha da massa cinzenta do senhor Mandiega até que curiosamente, dois pássaros passaram por cima dele, brigando ou brincando, não se sabe direito, ele também não soube dizer ao certo. Os pássaros soltaram os seus dejetos fecais no tecto de palha do vizinho. Isso fez com que ele imaginasse logo um projecto.

Porque no quarteirão ninguém tinha casa de chapas de zinco no teto, seria uma ótima ideia ser o primeiro a pedir crédito para o seu projeto de melhoramento de infraestruturas do distrito, que nesse caso era a sua palhota. Eram duas cajadadas com um só tiro, certo. Certo.

Não demorou muito, assim que teve a ideia do projecto de pedido de crédito sob o tema “*projeto de melhoramento de infraestruturas do distrito*”, correu diretamente para ter com o seu amigo dactilógrafo, da geração oito de março de Moçambique. Antes desta coisa de gerações começar a virar. Redigiram com letras uniformes. Visíveis ao olho nu. Meteu o seu expediente ao banco. Em uma semana alguém trouxe a carta assinada pelo próprio gerente. Já estava consumado, já se conhecia a primeira pessoa a se beneficiar de crédito do novo primeiro banco de dinheiro da vila.

Depois de algum tempo as crianças adoptaram uma nova brincadeira, tiravam folha das bananeiras e simulavam dinheiro. Andavam em todo bairro, vestindo a roupa da escola, descalças, gritando - *Viva! Viva! Eu tenho crédito. Viva! Viva! Ndano maleyapepa*¹. Assim como viram sendo feito pelo primeiro creditado. Enquanto isso a dieta do senhor Mandiega mudou drasticamente. De plantas e peixe sem escamas para carnes, ossos, leite e sangue, gorduras e mais gorduras. Acredita-se que as lombrigas dos intestinos daquela família ficaram muito felizes com esta coisa de crédito.

As águas estavam no mesmo plano, rentes aos bordos da canoa que trazia as chapas de zinco. Antes do início da execução do projecto de melhoria de infraestruturas do distrito, o secretário passou novamente pelas veias do bairro com um longo megafone. –*O senhor camarada, representante governamental do senhor camarada presidente da república, mas ao nível do distrito, que é o senhor administrador. Informa a todos que virá um ciclone muito grande e vai destruir muitas casas. Guardem comida, velas e água. Amarrem bem as coisas e fiquem em segurança.* Informações como essas eram frequentes por conta do caudal do rio em tempos chuvosos, mas não era coisa de tirar o sossego das pessoas. Todos entenderam o mesmo sobre o vento. Seria igual ao que dizem sobre as chuvas, que sempre deviam se tornar cheias. Mas no final de tudo, nada acontece.

¹ Ndano maleyapepa: tenho dinheiro de papel.

Nada podia parar um homem visionário que junto de grandes mestres de obra colocaram a mão no prego e martelo, na chapa e na madeira de tronco forte, de qualidade incomum para uso local. Conseguiu porque o senhor camarada, representante governamental do senhor camarada presidente da república, mas ao nível do distrito, que é o senhor administrador ao receber a carta de pedido de madeira de qualidade para exportação, apenas leu o cabeçalho, *projecto de desenvolvimento de infraestrutura do distrito* e assinou sem ler os ombros, as mãos e os pés. Ao pregarem a madeira parte do “matope”² seco se desfazia e a infraestrutura teve de ser maticada novamente e pintada a tinta óleo.

No dia do ciclone todos estavam em casa, conforme as ordens superiores de quem responde pelo presidente da república ao nível do distrito. Perto de meio dia o vento era leve, respirável. Passou para um chuvisco e as crianças banharam nos precipícios das chapas. Na hora vespertina todos estavam dentro, os trovões acendiam todos os escombros. Jantaram comida com muito óleo. As árvores estavam a comunicar, cada vez mais rápidas que as coisas mudaram.

O coração começou a bater de medo. As crianças começaram a chorar. A mulher cobriu-as com seu abraço de cuidadora. A coragem elevou-se, o sangue começou a correr muito rápido fugindo do coração. Senhor Mandiega subiu a mesa de madeira e amarrou o barroto que ameaçava voar com as chapas. As paredes recém maticadas se dissolviam a cada gota de chuva. O clima ficou frio de verdade e quente de tensão corporal. Mandiega começou a insultar aos vizinhos acusando de feitiçaria por inveja das suas chapas. Para ele aquilo não era fenómeno natural. Ele viu muita gente nascer, muita gente crescer e muita gente morrer. Ele viu pessoas deste tempo e do tempo do Caetano. Mas nunca vira nada assim. O feiticeiro devia ter movido muitos “xipokos”³ para lhe arrancarem as chapas. O vento negava-lhe de abrir a porta, e quando abriu o vento passou a negar-lhe de fechar. Saiu com sal e um terso da virgem Maria para espantar os maus espíritos, mas nada surtiu efeito. Foi quando decidiu subir ao telhado para amarrar as chapas e associar o seu peso à resiliência do edifício.

Mandiega esquivou tudo em nome da família, em nome do crédito e do projecto de melhoramento de infraestruturas do distrito. Abraçou muito fortemente as chapas. O vento ia

² Matope: lama ou lodo.

³ Xipokos: almas penadas, fantasmas.

zumbando nos ouvidos em assobios. Fechou os olhos. Sua cara ficou desfigurada pelo atrito. Elevou-se vinte centímetros. Planou junto às chapas para uma breve aterrissagem no cume de uma árvore. Ficou pendurado pela calça até o vento acabar.

Dizem que ele respirou todo vento sozinho. Gritou com todas as cordas vocais as canções do desespero até amanhecer. Foi lá, no topo da árvore que viu que todas as casas já possuíam as chapas do seu projecto de melhoramento de infraestrutura. Pensou no crédito e no banco antes de pedir socorro contra a gravidade e a árvore que já não aguentava o seu peso.

A Vítima

O dia acabava de se revelar. E os sonhos estavam ainda frescos, depois de uma longa noite de confeitão. Maigod acordou, rebolou em sua cama de ferro com molas tortas perfurantes, que lhe arranhavam a coluna durante o ronco. Espreguiçou-se e apalpou a esposa a procura das mamas. Ela estava ausente. Os deveres de mulher ultrapassam os limites da cama de solteiro menor que compartilhavam, em nome do amor no bairro da Munhava-central.

Ao sair da cama, Maigod fica triste, a realidade da casa não condiz com o sonho moçambicano que teve durante a noite, talvez os espinhos tinham abocanhado tudo, antes dele acordar. Chama pela mulher e ela responde do lado de fora do edifício de pau-a-pique de dois (in)cômodos. –*Espera pai de Bebito, estou a vir, vou levar capulanas do partido que estão a distribuir em casa de só secretário.* Ele não aguardou, e foi diretamente à casa de banho de caniço, encontrou água no balde de lata e um lago de peixes vivos em redor do calcanhar porque o vizinho edificou a casa sobre a vala que drenava sua miséria. Maigod não tem como reclamar, tem medo de ser cobrado a dívida de cinquenta meticais porque o gato dele comeu dois carapaus alheios.

Engole saliva. Molha seu corpo, mas não vê sabão. Lembra que tem muitas dívidas conhecidas e outras ocultas na banca do vizinho, que com certeza, não lhe faria novamente o favor de empréstimo. Pai de Bebito tem fama de mau pagador.

Na república da sua casa, o povo (seus filhos) choram de fome e muitas vezes colam nas casas dos amiguinhos, como se estivessem a brincar, e ficam até a hora de refeição. Nunca tiveram proibição de “não comer em casa de dono”.

Perde forças e esfrega o corpo com a pedra para limar o pé. Faz com suavidade para dar a ilusão de estar a amolecer sujidade. Termina o processo, volta a pisar a água da extinta vala. – *Ainda bem que restei um pouco no balde para lavar os pés na porta.* Entra e veste uma camisa que no passado foi branca, fazia parte da lista do lobolo⁴ da sua irmã mais nova. Que acabou morrendo atropelada salvando o filho de um acidente numa tarde de sexta-feira quando ela vendia peixe frito na berma da estrada e o filho vinha com um garrafão de petróleo da bomba das Palmeiras.

⁴ Lobolo: Dote de casamento.

Conquistara alguns clientes fixos por causa da sua honestidade, mesmo sendo um miúdo da Munhava não acrescentava água no seu produto. Muito honesto!

Ela viu o carro com governo descontrolado, em direção ao precipício, viu o filho medindo petróleo e o cliente dele contando o troco. Levantou-se bruscamente, sem apertar a capulana, em direção ao filho. O rapaz na maior inocência procurava atingir a graduação para ser mais justo nos direitos humanos do consumidor, mais uma gota e já está. De repente ela empurra os dois. O petróleo e o troco se espalham pela estrada. O carro travou no corpo dela. Ela não sangrou e nem teve nenhum arranhão. A população aproximou-se e começou apanhar as moedas espalhadas. Alguns já estavam a vandalizar a viatura. Ninguém reparou na vítima, excepto o motorista que corrompeu com muitos refrescos para passar na escola de condução. Este sem querer perder muito tempo, ofereceu dois mil meticais pelos transtornos e se foi.

Dias se passaram e as dores da mulher não melhoravam. Ela foi ao hospital. O aparelho de raio X não tinha filmes para fotografar os ossos. Os médicos, naquele momento, deitavam atenção para televisão. Em destaque: *O presidente da república voltou da França e negou promulgar a proposta de lei de regalias e subsídios de sono aos membros da assembleia da república.* A equipe médica ficou feliz e esperançosa pois, isto significava mais fundos para os hospitais, escolas ou agricultura. Quando o último dente de felicidade foi fechado, assim também foi o livro da vida da paciente, por excesso de sangue dentro do corpo.

Maigod, sente o cheiro da irmã na mudança da cor da camisa. Sempre leva ao alfaiate para emendar os laços de sentimento com o além, criando o seu sobrinho como próprio filho. E com este pensamento sai de casa sem satisfazer as lombrigas. Deixa tudo que tem para os petizes (comida da noite anterior).

A rua lhe guarda muitos biscatos, mas ele não sabe por onde começar a procurar. Vai para casa da mãe de mãe, para pedir água gelada e lhe oferecem também Coca-Cola. Ela conta que Txibeg, o rebenta cocos, fugiu da cadeia e vai se vingar de quem lhe queixou. Maigod engole saliva, ele sabe o que fez. Conta de seguida que todos devem ficar em casa porque existe uma nova doença que mata quando respirar sem máscara. Maigod se ri, mas aceita receber máscara de pano que lhe aparenta ser sutiã de uma mama só e se vai.

No caminho, não existe o aqui e nem o longe. Existe fome e objetivos. Existe desigualdade. Existe miséria. Maigod só lamenta da desistência à escola por ter engravidado a esposa ainda muito jovem. Tentou o curso de morcegos mas não deu certo. Muitas saias eram subidas no (in)cumprimento da aprendizagem e passadas à pente magro de cor cinzento.

Para no mercado. Consegue um biscato descarregando um camião de feijão manteiga que acabava de chegar de Tete. No final de quatro horas, pagam quinhentos meticais. Ele tira uma nota de cem põe no bolso esquerdo e o restante no bolso direito. Limpa o suor e usa de volta a camisa de lobolo. Caminha pra casa. Pela estrada, há poucas pessoas circulando, as mamas e os ambulantes desaparecem como ladrões.

Chega às esquinas do bairro, paga bebida de tampa vermelha, engole fundo e faz cara feia. O sobrinho aproxima e pede um doce. Maigod tira cinco meticais e oferece, entrega também os quatrocentos meticais doutro bolso para o orçamento da casa. E o menino vai correndo pensando em regressar para jogar bola.

Maigod se senta no campo assistindo ao jogo das crianças. Com inveja da infância que cedeu à guerra civil como membro da tropa. Ele fugiu da morte no meio do combate na Gorongosa. Seu lema foi: *-viver ou ser democrático, prefiro viver*. E agora actualizou: *entre ficar em casa ou morrer de fome, prefiro morrer de fome. Porque em casa vou morrer de desgosto*.

O sobrinho do Maigod era o guarda redes da equipe. A bola de preservativos e sacos plásticos, coberto de panos e linhas, fazia mais golos que a selecção nacional das minhocas. E os resultados satisfiziam a todos, ou pelo menos aos sessenta por cento que aprovavam automaticamente para preencher os relatórios para o inglês (o Maigod) ver. Porque esse gostava de assistir o derby e no final premiar com vinte meticais a equipa vencedora.

Um dos jogadores, recebe o poder que todos lutam para ter em seus pés. Finta um, finta outro. O jogo está bom. E organiza as pernas para chutar contra a baliza. A tensão aumenta com barulho da plateia. É agora, é agora. E uma viatura Mahindra apareceu de repente. Oito agentes da polícia fortemente armados desceram e começaram a massacrar as crianças, chambocos e pontapés, organizam a arma e ameaçam tiros contra os petizes como no filme de Rambo. Maigod não aguenta ver o sobrinho a sangrar e aproxima. – *chefe, chefe...!* antes de dizer o que queria se viu no chão comendo capim, pisaram nele, chutaram. – *covid, nunca ouviu falar de covid?* Fizeram

um círculo sem distanciamento social. Pisaram nele e trituraram até aos sonhos de amanhã, e o poder de continuar a lutar pela sobrevivência. – *covid! Não sabe que já temos um caso positivo em Moçambique?* Estavam a falar para eles mesmos. Maigod estava, na dor, se despedindo do coração da mulher, dos filhos, e da pobreza. Morreu assim, a primeira vítima da covid-19 em Moçambique. Pena que não entrou na estatística.